

Maravilhe-se com o universo

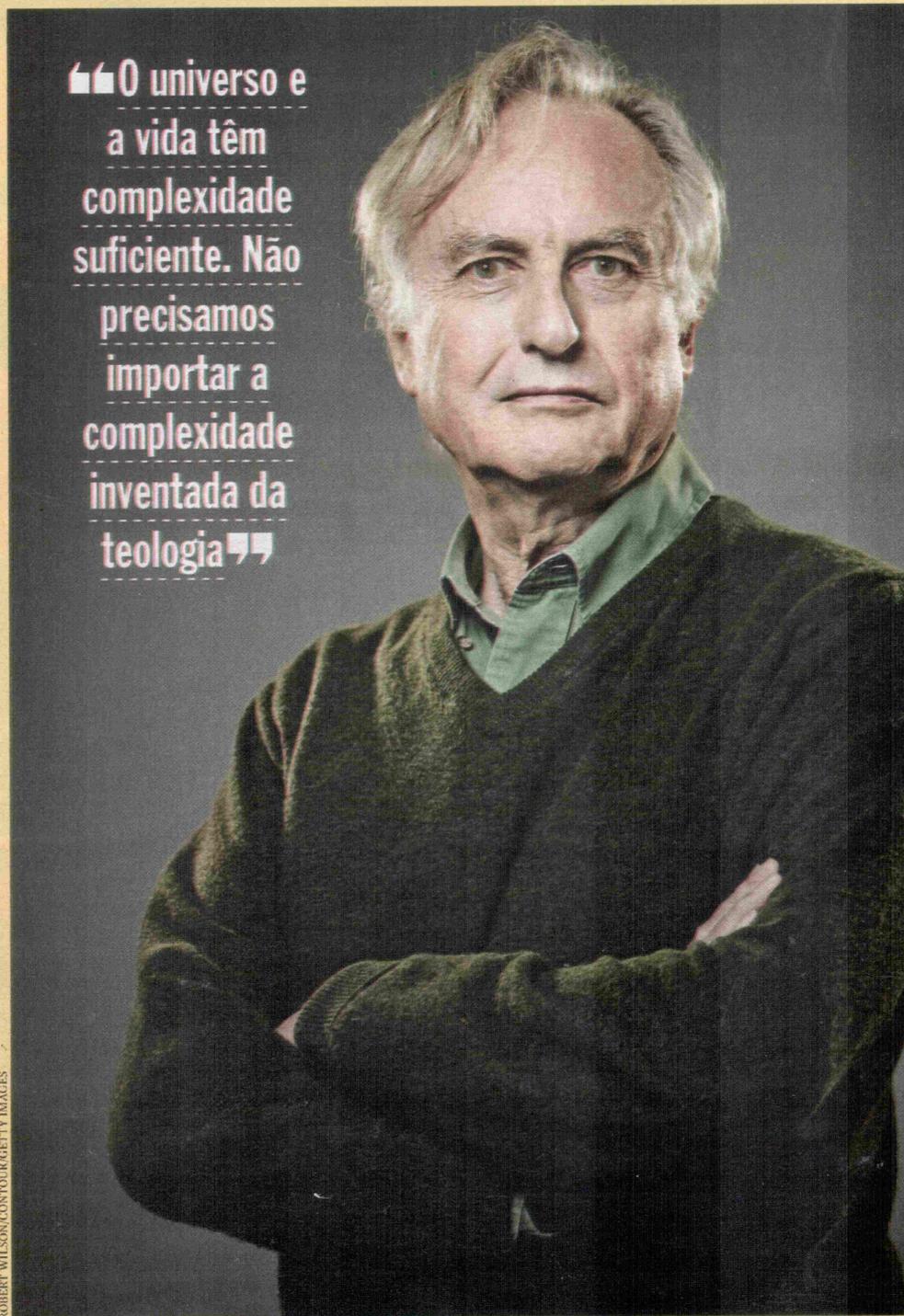
Aos 74 anos, o biólogo inglês, conhecido pela vigorosa defesa do darwinismo e do ateísmo, lança sua autobiografia, defende seu legado acadêmico e dá conselhos aos jovens cientistas

Richard Dawkins alcançou um status incomum: é uma celebridade, que reúne enormes plateias aonde quer que vá, por duas razões — a biologia e o ateísmo. Como cientista, é autor do best-seller *O Gene Egoísta*, que há quarenta anos deflagrou o debate sobre a relevância do gene na evolução das espécies, e inventou o termo “meme”, entendido como o gene da evolução cultural. Como ateu, é autor de outro best-seller, *Deus, um Delírio*, de 2006, que virou porta-bandeira do movimento dos ateus. Agora, aos 74 anos, já aposentado como professor de Oxford, Dawkins está lançando o primeiro volume de sua autobiografia no Brasil, *Fome de Saber*. No livro, ele exhibe toda a sua curiosidade e sua fleuma de inglês colonizador, adquiridas talvez na infância passada no Quênia, onde seu pai trabalhava como agrônomo no Serviço Colonial. Nascido em Nairóbi, Dawkins mudou-se para a Inglaterra aos 8 anos. Fez uma carreira brilhante como defensor incandescente da teoria de Charles Darwin e, depois, como príncipe dos ateus, ao denunciar a religião como retrógrada, contra o progresso da ciência e manipuladora de corações e mentes. Por e-mail, antes de embarcar para o Brasil, onde participa nesta semana do seminário “Fronteiras do pensamento”, em Porto Alegre e São Paulo, Dawkins deu a seguinte entrevista a VEJA.

O senhor tem a convicção intelectual, e a tem defendido com paixão e consistência, de que a evolução é um processo progressivo. Um dos seus rivais mais brilhantes, o paleontólogo Stephen Jay Gould, que morreu em 2002, estava convicto de que, ao contrário, a evolução é um processo contingencial. Por que o senhor acha que está certo? Com toda a certeza, a evolução é progressiva no sentido de

“O universo e a vida têm complexidade suficiente. Não precisamos importar a complexidade inventada da teologia”

ROBERT WILSON/CONTOUR/GETTY IMAGES



“Nossos ancestrais tiveram consciência, de uma forma mais ou menos rudimentar e num tempo bastante distante no passado. Portanto, acho que nossos primos, os outros descendentes de nossos ancestrais, também têm consciência”

que certos órgãos complexos e funcionais, como os olhos, por exemplo, vão gradual e progressivamente ficando melhores na execução de suas tarefas. Qualquer pessoa que não perceba isso estará subestimando a complexidade do desenho aparente dos organismos vivos. Mas a evolução também é contingencial na medida em que o seu curso exato depende, fortemente, de fatores desconhecidos e aleatórios.

Como a extinção dos dinossauros?

Sim, era previsível, depois da extinção, que outros animais tomassem o lugar que antes era ocupado pelos dinossauros e o fizessem de maneiras muito óbvias: alguns seriam bons caçadores e teriam adaptações próprias para a caça muito semelhantes às do dinossauro cujo lugar estavam tomando. Outros seriam bons para pastar, outros para voar, outros para nadar e assim por diante. Tudo previsível. Cada uma a seu modo, todas essas evoluções ocorreram de maneira progressiva. Agora, o fato de que os dinossauros seriam extintos do planeta foi contingencial, um acidente, assim como foram acidentais os detalhes sobre quem assumiria o lugar de quem. Quer dizer: que grupo de mamíferos tomaria o lugar de que grupo de dinossauros.

Como biólogo evolucionista, o senhor acha possível que a humanidade acabe coevoluindo com os computadores, num processo que tem sido chamado de “destino de silício”?

Antes, preciso ressaltar que, nesse ponto, estamos entrando no reino da ficção científica. Mas, respondendo à sua pergunta, sim, acho que existe uma possibilidade real de que isso aconteça.

O senhor poderia definir o que é consciência? Os animais têm consciência de si mesmos, no sentido de ter auto-percepção dentro de seus arredores?

É tremendamente difícil definir o que é consciência. Não existe consenso sobre isso. Mas, obviamente, a consciência evoluiu como uma propriedade emergente dos cérebros. Nós, seres huma-

nos; temos consciência. Portanto, é certo que, em algum momento, nossos ancestrais obrigatoriamente desenvolveram a consciência. Duvido que isso tenha acontecido num único e repentino salto porque nada que é importante evolui assim, de maneira abrupta. Então, presumo que nossos ancestrais tiveram consciência, numa forma mais ou menos rudimentar e num tempo bastante distante no passado. Portanto, acho que nossos primos, ou seja, os outros descendentes de nossos ancestrais, provavelmente também têm consciência.

Como darwinista apaixonado, se o senhor pudesse encontrar Charles Darwin (1809-1882) e falar com ele frente a frente, o que gostaria de lhe perguntar? Minha pergunta seria: “Por que o senhor demorou tanto a publicar sua teoria? O senhor não pensou que alguém poderia descobri-la antes?”. E, de fato, foi o que aconteceu, pois Alfred Russel Wallace (1823-1913) acabou descobrindo antes.

O senhor tem sido chamado de “príncipe do ateísmo” pela sua militância

como ateu. Os críticos dizem que seu ateísmo evita os grandes debates teológicos que enriquecem a religião e a própria filosofia e, ao fazer isso, o senhor acaba simplificando o que é complexo. Eles estão errados? Sim. Mesmo porque não existem grandes debates teológicos. Teologia é um não assunto, carente de conteúdo. O universo, o mundo e a vida têm complexidade suficiente. Não precisamos importar a complexidade manufaturada e inventada da teologia. Claro que muitos professores de teologia realizam um trabalho interessante e importante quando, por exemplo, trabalham com documentos bíblicos, com a história bíblica, com a arqueologia. Mas isso é muito diferente de balelas vazias como ficar debatendo o “significado” da Trindade e da transubstanciação...

À medida que o conhecimento científico sobre o mundo vai se ampliando, fica mais difícil acreditar em certos dogmas religiosos, como a ideia de que a humanidade tem apenas 6 000 anos de existência. Mas isso não é a mesma coisa que dizer que religião e ciência são completamente incompatíveis, certo? Não, não é exatamente a mesma coisa. Num sentido trivial, religião e ciência são compatíveis, tanto que existem cientistas religiosos. Mas, por outro lado, alguns dos cientistas que se apresentam como religiosos não têm fé no sentido dos que acreditam num Deus pessoal que ouve suas preces. Eles são crentes no sentido de Albert Einstein, que disse: “Eu acredito no Deus de Espinoza, que se revela na harmonia de tudo o que existe, e não num Deus preocupado com o destino e as ações da humanidade”. De modo que, da forma como penso, a religião e a ciência são inteiramente incompatíveis. Mesmo os cientistas que chegam a acreditar num Deus pessoal talvez só consigam realizar essa proeza erguendo barreiras mentais entre áreas impossíveis de ser compatibilizadas.

◀ Na realidade,
não podemos esquecer
que a vasta maioria
das grávidas de um
feto com síndrome
de Down escolhe o
aborto, pelo menos em
países onde o aborto é
um direito. Vou repetir,
para que não haja
dúvida: a vasta maioria
escolhe o aborto ▶▶

O senhor diz que a religião é um obstáculo ao avanço da ciência. Mas, num mundo religioso, a ciência teve avanços fenomenais nos últimos séculos. A religião é realmente uma trava ao progresso científico? A ciência poderia ter progredido muito mais rapidamente num mundo não religioso. Atualmente, a maioria dos cientistas não é religiosa. Entre os cientistas que estão na elite da nossa atividade, integrando instituições renomadas como a Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos ou a Royal Society britânica, a esmagadora maioria não é religiosa. Em séculos anteriores, particularmente antes de Charles Darwin, era muito difícil para qualquer um não ser religioso. Por isso, não é nenhuma surpresa que Newton e Galileu, por exemplo, fossem religiosos.

De que parte da Bíblia, presumo que na versão do rei James, o senhor gosta mais em termos literários? Eclesiastes e Cântico dos Cânticos.

No ano passado, uma mulher perguntou ao senhor o que deveria fazer se estivesse grávida de um feto com síndrome de Down. No Twitter, o senhor respondeu: "Aborte e tente de novo. Seria imoral trazer o feto ao mundo se você tem escolha". Por que seria imoral? Na realidade, não podemos esquecer que a vasta maioria das grávidas de um feto com síndrome de Down escolhe o aborto, pelo menos em países onde o aborto é um direito. Vou repetir, para que não haja dúvida: a vasta maioria escolhe o aborto. A decisão é delas, e acho que se trata de uma escolha pragmaticamente sensata; pode-se dizer que é também uma escolha moral. É desnecessário acrescentar que eu jamais, em hipótese alguma, defendi que matassem as crianças nascidas com síndrome de Down. É desnecessário, mas acrescento mesmo assim, para rebater essa acusação caluniosa que alguns me fizeram.

Os pais de filhos com síndrome de Down relatam experiências tremen-

damente enriquecedoras. Tenho absoluta consciência de que os pais de portadores de Down amam os filhos profundamente e tenho certeza de que, se eu fosse pai de uma criança com síndrome de Down, eu também a amaria profundamente. Mas não era essa a escolha em questão no debate no Twitter. A pergunta, hipotética, era: o que deve fazer uma mulher que descobre, através do exame de amniocentese, que está grávida de um feto com síndrome de Down? Qualquer pessoa que é contra todo e qualquer tipo de aborto teria uma boa causa para discutir comigo. Mas, para quem aceita a moralidade do aborto, não faz nenhum sentido que uma mulher fique mais inclinada a abortar um feto saudável do que um feto com síndrome de Down.

Por que o senhor escreveu uma autobiografia? Cheguei à idade de me aposentar e minha mãe estava, e ainda está, na casa dos 90 anos desfrutando uma boa memória sobre a minha infância, de modo que eu ainda podia explorá-la. Somando tudo, pa-

receu-me a hora certa de fazer uma autobiografia.

Na autobiografia, o senhor escreveu o seguinte: "Não posso deixar de me perguntar se é mesmo saudável para a educação infantil uma dieta à base de contos de fadas cheios de feitiços e portentos". Seu receio é que crianças que ouvem essas histórias se tornem adultos prontos para aceitar o pensamento místico e religioso? Como você disse, eu escrevi: "Não posso deixar de me perguntar". Isso não é o equivalente a escrever: "Tenho certeza". Perguntar-se é o que os cientistas fazem de melhor. Tenho a impressão de que não é uma possibilidade inteiramente desarrazoada que os contos de fadas possam fazer as crianças crescer como adultos educados para o pensamento mágico. Mas, por outro lado, a evidência psicológica sugere que isso provavelmente não acontece.

Quem é o melhor modelo de cientista contemporâneo? Sir Peter Medawar (1915-1987), que, aliás, nasceu em Petrópolis, no interior do Rio de Janeiro. Ele combinava um gênio científico com uma cultura exuberante. Mas, se você se refere a um cientista contemporâneo vivo, eu sugeriria a astrofísica americana Carolyn Porco, que é um modelo magnífico para as mulheres jovens: é uma excelente cientista com uma imaginação poética.

Qual seria o seu melhor conselho para um jovem cientista num país como o Brasil? Não seria diferente do conselho que eu daria a um jovem cientista em qualquer outro país. Eu recomendaria: inspire-se na maravilha do universo, do mundo e da vida, e, portanto, sempre mantenha em mente essa ampla perspectiva.

Uma pergunta singela: por que existimos e por que estamos aqui? Claro que você não espera que eu responda a essa questão num parágrafo, sendo que escrevi onze livros sobre isso. Espera? ■